



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



RELATÓRIO DE INTERCÂMBIO – CRInt ECA

Nome: Antônia Midena Perrone

No. USP: 9158228 Curso ECA: Artes Visuais

Dados do Intercâmbio

Universidade: École Supérieure des Beaux-Arts de Bordeaux

Curso: Beaux-Arts

Período: (x) 1º Semestre de 2019 () 2º Semestre de ____ () Ano Completo de ____

Parte I - Vida acadêmica

1) Disciplinas cursadas:

▪ Parcours Mason & Dixon
▪ Le spectacle doit-il continuer?
▪ Histoires du son
▪ Club dessin
▪ Module technique sérigraphie
▪
▪
▪
▪

2) Faça uma breve descrição dos programas das disciplinas cursadas, relatando quais foram as dificuldades/desafios enfrentados:

O sistema de disciplinas e aulas na École é bem distinto do que conhecemos na USP. O projeto pedagógico da escola francesa estrutura sua grade curricular em três tipos de atividade: o “percurso” (*parcours*), os cursos teóricos e os módulos técnicos. É obrigatório cumprir aulas pertencentes a essas três categorias; todavia, são oferecidas várias disciplinas dentro de cada uma delas, e cabe ao estudante escolher em quais se inscrever, segundo seus interesses.

O funcionamento curricular é outro também em termos de carga horária. As semanas são divididas em dois tipos distintos e são intercaladas uma à outra: uma semana é dedicada ao “percurso” e outra, aos cursos teóricos e módulos técnicos.

Pela proposta da École, os “percursos” determinam campos de pesquisa e prática, bem como espaços de ateliê. Funcionam, mais ou menos, como se fossem grupos/ambientes de estudo ou de trabalho. Cada “percurso” tem uma equipe de professores responsáveis e um projeto de investigação teórico-prática; os docentes acompanham os trabalhos dos estudantes e formulam também propostas e atividades a serem realizadas por todos, individual ou coletivamente. A ideia é que todos os alunos façam parte de um “percurso”: isso estabelece onde, sobre quais assuntos e com quem (docentes e discentes) o estudante vai trabalhar.

Quanto aos cursos teóricos, consistem em aulas quinzenais de no máximo 3 horas e possuem naturezas distintas e interdependentes entre si – não há implicações pressupostas pelo currículo entre um curso e outro, partes I e II de uma mesma matéria, tampouco a ideia geral de

COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (CRInt)

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – Prédio Central
Cidade Universitária. 05508-020. São Paulo/SP. Brasil
www.eca.usp.br/crint | crint-eca@usp.br | incoming.eca@usp.br
Fone: +55 11 3091-4478



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

uma formação teórica continuada e cumulativa –; de forma que a escolha dos cursos se dá mais pelos interesses “avulsos” de cada aluno.

Analogamente, os chamados “módulos técnicos” constituem pequenos “blocos” de aulas – não necessariamente continuados durante todo o semestre, e sim definidos por uma quantidade x de encontros – voltadas à formação básica e instrumental de uma determinada área (por exemplo, módulo técnico de Photoshop, módulo técnico de cerâmica...). Também não há, nesse caso, uma inter-relação entre as práticas, e nem oferecimento de continuidades, de um “módulo II”.

Em relação às minhas escolhas, optei pelo percurso *Mason & Dixon*, que aparentava ser o mais aberto e apropriado ao trabalho de ateliê que já desenvolvia na USP. Segundo a descrição curricular, o percurso propunha “investigações sobre as noções de experiência, peripécia, acaso, paisagem e fronteira, explorando as relações entre ação e contemplação” – explicação “poética” e bastante vaga, que não veio a se confirmar com minha experiência de curso. *Mason & Dixon* não tinha realmente uma envergadura de pesquisa e, arrisco dizer, nem de tema. Acabava por ser um grande “ateliê aberto”, em que cada estudante tinha seu pequeno espaço de trabalho.

Se por um lado essa estrutura poderia ter suas vantagens, sendo talvez interessante para estudantes-artistas com um trabalho próprio já em desenvolvimento, que só precisam de tempo, espaço e material; por outro, e ainda mais considerando-se tanto a dinâmica de haver uma semana inteira de “dedicação ao percurso” quanto a falta de engajamento (ou um verdadeiro descaso pedagógico) de muitos professores, o que terminava por acontecer era um esvaziamento de sentido e atividade. Muitas vezes vi-me sozinha, ou com no máximo um ou dois outros estudantes, em um ateliê enorme que tinha mais de 40 alunos inscritos; sem mencionar a ausente equipe dos 5 professores responsáveis. Tornava-se desanimador e difícil, ainda mais sendo estudante intercambista, engatar no trabalho sem haver qualquer respaldo ou troca. Incorporei uma dinâmica muito individual de produção e pesquisa, ia quase todos os dias ao ateliê ou à biblioteca, tentando construir, nem que fosse por mim mesma, um terreno criativo-reflexivo.

Ocorreu coisa semelhante, embora em um grau distinto, nas disciplinas teóricas nas quais me inscrevi. Optei por duas disciplinas que tinham programas que me interessavam e eram também diversas de assuntos que já havia estudado no CAP (que tem uma carga de disciplinas teóricas obrigatórias bastante significativa, cuja maior parte eu já havia cursado).

Primeiro, escolhi *Le spectacle doit-il continuer?*, uma disciplina de natureza bastante filosófica que discutia os pensamentos modernos e pós-modernos sobre arte que se basearam na oposição entre uma “arte verdadeira” e seus duplos corrompidos, a indústria cultural, o entretenimento, o *kitsch* e a cultura de massas. A intenção era refletir sobre as significações e o cabimento (ou não) desse tipo de oposição, interrogando histórica e contemporaneamente o quão caducas ou relevantes são esses postulados, e que lugar tem hoje a ideia de uma “arte crítica”.

As aulas dessa disciplina eram realmente muito interessantes, bem estruturadas e traziam um material significativo para a reflexão sobre os temas do curso. Havia uma sólida base teórica, bem como muitas referências para pesquisa. No entanto, acredito que a estrutura quinzenal de aulas, assim como a pouca quantidade de horas/aula total, fazia com que o curso não desenvolvesse todo seu potencial – em duas semanas, o fio condutor de uma discussão se perde um pouco. Isso era um tanto infeliz considerando uma matéria tão boa, cujo professor era bastante dedicado e conseguia engajar a turma.

Já o outro curso teórico que segui, *Histoires du son*, trazia uma abordagem histórica e poética da música e de demais manifestações sonoras artísticas (poesia sonora, instalação, etc.). Foi especialmente interessante porque não há no CAP matérias unicamente dedicadas a isso, então pude entrar em contato com o tema em maior profundidade. Entretanto, tal qual em *Le spectacle doit-il continuer?*, o espaçamento quinzenal entre uma aula e outra foi um fator adverso ao desenvolvimento do curso de maneira coesa e próspera.

Por último, os dois módulos técnicos dos quais participei diziam respeito a trabalhos que eu já desenvolvia, e busquei tê-los como uma maneira de mantê-los ativos. O módulo técnico





ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



sérigraphie, curiosamente, nem foi bem uma “escolha”: eu já frequentava o ateliê de serigrafia da École e era próxima do técnico responsável, que me convidou para participar, quase como “ajudante”, do bloco de aulas que seria oferecido aos demais estudantes intercambistas, e eu decidi participar. Já *Club dessin* funcionava também em encontros quinzenais, nos quais tínhamos tempo livre para desenhar ou para discutir sobre os desenhos. Contudo, de forma geral, os encontros também eram um tanto esvaziados: não começava na hora, não havia muito uma ideia de discussão de temas conjuntos e tornava-se, afinal, um certo *laissez-faire*, para usar o termo francês apropriado...

3) Você conseguiu se matricular nas disciplinas que queria? Por quê? Houve algum tipo de auxílio por parte da universidade a esse respeito (Academic Advisor)?

Sim, consegui me matricular nas disciplinas que queria. Pelo programa pedagógico da escola, não há muitas implicações de cursos que sejam pré-requisitos de outros, e nem cursos que exijam um determinado conhecimento prévio. Tampouco havia problema em relação aos números de alunos por turma. A coordenação pedagógica da escola permitiu aos alunos intercambistas que, durante as duas primeiras semanas, frequentassem as aulas das disciplinas pelas quais se interessavam, para depois poder escolhê-las com mais certeza.

4) A quantidade de disciplinas escolhidas foi adequada? Comente.

Sim, a quantidade de disciplinas foi adequada; muito embora, como explicarei mais adiante, tenha sentido que as disciplinas não me exigiam muito.

5) O conteúdo das disciplinas correspondeu às suas expectativas? Por quê?

No que diz respeito ao cumprimento dos programas apresentados – isto é, autores a serem lidos, recortes históricos estudados, análises propostas etc. –, e sobretudo no que toca às matérias teóricas, os conteúdos corresponderam à maior parte das expectativas. Todavia, em um plano geral, e particularmente nas matérias “práticas” ou nos acompanhamentos dos trabalhos, as disciplinas ficaram muito aquém do que eu esperava, tanto em termos de conteúdos apresentados quanto de engajamento dos professores e demais estudantes. Decepcionou-me, de saída, a baixa quantidade de aulas e cargas horárias; porém o que realmente incomodou foi falta de profundidade com a qual muitos assuntos eram abordados, bem como a pouquíssima ou quase nenhuma preparação de curso pela parte de alguns professores. Faltava seriedade pedagógica, compromisso com as aulas e com os estudantes. Da mesma forma, os alunos viam-se pouco envolvidos com a escola e, portanto, também colaboravam para essa atmosfera de esvaziamento.

Não que não houvesse professores e estudantes sérios e implicados; evidentemente que sim – inclusive, como cheguei a comentar anteriormente, havia aulas que eram muitíssimo interessantes. Porém, muitas vezes a própria estrutura curricular da escola minava a possibilidade de que também os cursos bons se desenvolvessem em todo seu potencial; ou ainda, via-se muitos estudantes para os quais permanecer implicados no trabalho era um verdadeiro esforço, uma vez que o ambiente total não contribuía. De maneira geral, a proposta pedagógica da escola era tão “solta” que acabava por ficar, muitas vezes, superficial ou demasiado vaga.

6) Qual(is) o(s) sistema(s) de avaliação utilizados nos cursos? Assinale quantas alternativas sejam necessárias.

() Testes/provas

() Trabalhos em classe

(x) Monografia individual ao final do período

() Monografia em grupo ao final do período

(x) Outras (especifique): seminário a ser apresentado em classe; avaliações “processuais” analisando presença e engajamento nas atividades e discussões propostas pelo ateliê, bem como trabalho assíduo e dedicado na própria produção artística.

COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (CRInt)

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – Prédio Central
Cidade Universitária. 05508-020. São Paulo/SP. Brasil
www.eca.usp.br/crint | crint-eca@usp.br | incoming.eca@usp.br
Fone: +55 11 3091-4478



7) De maneira geral, qual era a principal estratégia de ensino na maioria das aulas?

(x) Palestras/conferências do professor responsável pela disciplina.

() Palestras/conferências de professores convidados

(x) Aulas dialogadas e debates mediados pelo professor da disciplina.

() Outra (especifique): _____

8) Quais das seguintes facilidades eram oferecidas pela Universidade/ Faculdade?

(x) Biblioteca (x) Restaurantes/ Lanchonetes

(x) Computadores () Centro Esportivo

() Alojamento () Tutor

() Outras:

9) Você teve dificuldade para acompanhar as aulas devido ao idioma? () Sim (x) Não

Em caso, afirmativo, explique suas principais dificuldades.

10) Em relação à qualidade do curso, você o considera melhor, pior ou equivalente a seu curso na ECA? Por quê?

Comparando os dois cursos, considero o da ECA melhor: o CAP oferece uma formação muito mais completa e complexa. Isso passa por diversos aspectos, inclusive alguns dos mais estruturais, como a distinção, que não fazemos no Brasil, mas que é padrão na Europa, entre a *escola de arte* e a *universidade*.

Enquanto o sistema europeu considera que o ensino superior em artes plásticas se divide entre a *universidade*, onde se estuda teoria, história e crítica, e a *escola* ou *academia*, cujo foco é a formação (“prática”) de artistas; nossos cursos não pressupõem essa diferenciação e, em lugar disso, visam compreender a formação em artes como um “todo”, concedendo igual importância aos diferentes conhecimentos e considerando suas articulações e diálogos. Nesse sentido, o CAP é mais completo, e sinto-me mais bem formada por seu curso.

Também, eu estive em uma *escola*, mas tampouco senti que lá a formação “prática” ou a ênfase no trabalho em ateliê eram densos e profícuos a ponto de compensarem a diminuta carga de “teoria” – ainda que o espaço físico da escola fosse maior, os materiais de fácil acesso e os ateliês bem equipados, que eram pontos bem positivos e superavam em muito as condições do Departamento de Artes Plásticas na ECA.

Além disso, o próprio fato de se tratar de uma escola apartada de um ambiente acadêmico maior é um fator significativo. Isto é, estar em uma escola, de certa forma, “isolada” (por não fazer parte de um conjunto universitário) é bastante contrastante – e às vezes menos enriquecedor – do que o ambiente da USP, onde são muito propícios o diálogo e a integração entre as mais diversas áreas do saber; no meu caso específico, das artes.

Por último, e talvez o mais importante: os aspectos que mais me fazem crer que o curso na ECA é melhor partem, primeiro, da comparação entre os níveis de implicação e engajamento dos corpos docente e discente aqui e lá; e, depois, da própria maneira pela qual as escolas elaboram um projeto e uma atuação pedagógicas sobre o ensino de arte. Como mencionei antes, foram bastante marcantes a falta de empenho e o despreparo de alguns professores, esses “artistas” que não possuíam, todavia, compromisso com a escola como um ambiente de ensino, de compartilhar e passar adiante conhecimento. Além disso, a própria estrutura pedagógica da escola – sua maneira de dividir as disciplinas, os espaços, o emprego do tempo, os conteúdos abordados por uma ou outra matéria etc. – era bem menos consistente do que a do CAP.



Considerando mais precisamente a minha área, das artes plásticas, o que me decepcionou fortemente foi perceber uma grande falta de *sensibilidade* de alguns professores no olhar para os trabalhos dos estudantes – destaco aqui os professores do meu “percurso”, que era justamente o que concentrava a maior parcela do trabalho em ateliê. Em vez de atentarem ao que estava posto ali, no trabalho do aluno, como seus interesses e via de pesquisa, para em seguida proporem outros materiais, provocações ou investigações que poderiam fazê-lo se desenvolver em *seu* potencial; muitos dos professores atinham-se intransigentemente a conceitos pré-formados (bastante limitantes) sobre o conceito de arte ou de trabalho artístico, fechados ou intransigentes no olhar para o *outro*, o aluno, e querendo impor-lhe essas ideias como “verdades”.

É evidente que havia âmbitos em que isso não se desenrolava dessa maneira – destacaria a relação de abertura e confiança que tive com os técnicos, ou o interesse e empenho sinceros dos professores de algumas disciplinas (como *Histoires du son* ou *Le spectacle doit-il continuer?*). Porém, e infelizmente, foi durante o intercâmbio que tive algumas das primeiras experiências com uma presença imperativa de egos artísticos e acadêmicos na escola de arte.

Parte II - Integração

1) Houve atividades de recepção/integração para os estudantes estrangeiros?
(x) Sim () Não

Se a resposta for afirmativa, responda:

a) Quem as organizou?

A responsável pelas Relações Internacionais da escola.

b) Como foram?

A responsável pelas Relações Internacionais propôs um dia de encontro dos alunos intercambistas, antes das aulas começarem. Nesse encontro, apresentou-nos a escola, seus funcionários e professores, explicando seu funcionamento e sanando nossas eventuais dúvidas sobre o intercâmbio. Além disso, fomos convidados a almoçar todos juntos e, em seguida, darmos um passeio pela cidade – além de ser uma atividade de integração muito amigável, era também explicativa: pudemos discutir todo e qualquer tipo de questão em relação a transporte, moradia ou saúde.

2) Durante o período em que estive na Universidade, você teve mais contato com estudantes nativos ou com estrangeiros?

Tive mais contato com estudantes nativos. Embora tenha feito amizades com outros estrangeiros, o ambiente da escola não era tão internacional; e minha aproximação com outros estrangeiros era mais com os intercambistas que chegaram no mesmo semestre que eu. A maior parte dos colegas franceses eram bastante abertos e me receberam muito bem, fiz boas amizades.

3) Como foi a receptividade dos professores? Eram acessíveis fora das aulas?

Em geral, os professores foram receptivos e abriam canais de comunicação fora das aulas, como via e-mail.

4) Você enfrentou algum tipo de preconceito no ambiente acadêmico e/ou na cidade em que estudou?



Felizmente, não sofri nenhum ataque direto, não tive a infelicidade de ter de lidar com falas xenofóbicas ou racistas. Sofri, sim, machismo; não no ambiente acadêmico, ainda bem, mas na cidade (aquela maldita cantada na rua, ou o assédio em bares). É infeliz ter que dizer, mas isso eu já sabia que é fato global. Passei por situações que vivo também em São Paulo sendo mulher. Posso dizer que não foram muitas nem foram mais graves.

No entanto, acho difícil precisar em que medida algumas relações de alteridade não comportam um certo grau de preconceito; uma vez que há imagens e pressuposições feitas sobre sua origem. Era comum que, logo depois de responder sobre meu país de origem, percebesse alguma expressão no rosto da pessoa – às vezes de surpresa, não conseguia identificar ao certo. Cheguei a ouvir coisas como “você não é exatamente aquilo que esperaria de ‘brasileira’”: em parte, a pessoa admitia e criticava os estereótipos que são exportados, mas por outro lado, parecia frustrar-se com a não-realização deles.

Às vezes até em alguma tentativa de aproximação, as pessoas querem dizer coisas que “sabem” sobre nosso país e acabam tomando os pés pelas mãos. Isso ocorria mais entre pessoas “intelectualizadas” que queriam mostrar-se a par da situação política na América Latina, mas acabavam por revelar sua desinformação.

Então, o que posso dizer é que essa relação com o *outro* (no caso, eu) sempre comporta camadas de pré-conceitos. E que o eurocentrismo é um fato. Era muito bom discutir com aqueles que estavam realmente interessados em tentar desconstruí-lo, mas não são todos que tem essa disposição...

Parte III – Documentação

1) Houve problemas em relação ao visto? Alguma dica para facilitar o processo?

Não tive necessidade de obtenção de visto, uma vez que possuo a dupla cidadania, brasileira e italiana, o que me permite livre trânsito nos países da União Europeia.

2) Foi preciso se registrar no país onde realizou intercâmbio? Como foi esse processo? (especifique prazos, taxas, documentos necessários)

Não precisei me registrar (vide resposta acima).

3) Na universidade/faculdade, que documentos você teve que fazer?

Não tive que fazer nenhum documento e nem pagar taxas. Apenas preenchi, na École, os documentos solicitados pela ECA e pela AUCANI.

Documento	Valor da taxa

Parte IV – Alojamento/Moradia

1) Você morou em:

() Alojamento da Universidade/ Faculdade () República



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

(x) Casa de Família



() Apartamento alugado

() Individual () Compartilhado

a) Havia necessidade de permanência mínima?

Não havia necessidade de permanência mínima.

b) Como você avalia a qualidade do alojamento/moradia relação à limpeza, conforto e facilidades oferecidas?

Estive muito bem alojada na casa de uma senhora que trabalhava na recepção da École. Era uma casa grande, com três quartos – o dela, o meu e o de um colega intercambista da escola que também se hospedou lá –, cozinha, um banheiro e uma sala de banho, sala e jardim. Havia espaço o suficiente para nós três, mantendo a privacidade de cada um. A rigor, eu e o outro intercambista alugávamos somente os quartos; porém a proprietária nos concedia total liberdade para usar a casa inteira, então ficávamos muito à vontade para circular e tínhamos acesso a todo o equipamento da casa (como eletrodomésticos ou material de limpeza). Também pelo fato de ser uma casa de uma pessoa mais velha, assalariada, com a vida já mais estruturada, era um alojamento muito bem provido de recursos, bem limpo e organizado. Felizmente, práticas de higiene e limpeza (em ambientes privados ou comuns) eram coisa cotidiana.

c) Era próximo à escola e/ou próximo a lugares de interesse?

Acho que tem uma questão de escala: para uma paulistana, a minha casa de Bordeaux era muito próxima à escola (eu fazia o trajeto em 25 minutos de bicicleta). Na verdade, muito próxima a tudo, uma vez que a cidade é muito, muito menor do que São Paulo; estamos acostumados a distâncias e tempos muito maiores entre os pontos da cidade.

No entanto, para os padrões da cidade francesa, minha casa não era exatamente “perto” (dado de comparação: eu tinha colegas que moravam 5 minutos a pé da escola). Ou seja, pensando na escala francesa, a minha casa era um pouco mais afastada do centro; e realmente *perto*, seria apenas o belo *Parc Bordelais* e alguns serviços/mercados/restaurantes bons para o cotidiano.

2) Foi necessário efetuar depósito antecipado (caução) ? (x) Sim Não (.....)

a) De que maneira os pagamentos foram realizados?

Fiz o pagamento do aluguel antecipado por transferência bancária daqui do Brasil. Uma vez na França e já com conta no banco, transferi o valor da minha bolsa para a conta francesa e todo final de mês eu pagava à locatária, geralmente em espécie.

Parte V – Clima

1) Quais as condições climáticas que você enfrentou?

Cheguei à Europa em pleno inverno e enfrentei um frio rigoroso e úmido, muito mais gelado do que nosso inverno brasileiro. A cidade de Bordeaux é muito chuvosa, e nos primeiros meses não havia um dia que não chovesse, aquela garoa bem fininha que dura horas. Porém os meses foram passando, progressivamente esquentava e chovia menos – mas só foi em maio que a mudança ficou mais evidente. Fiquei por lá nessa passagem da primavera para o verão, e também vivi um calor de sol intenso!

2) Que tipo de roupa você aconselha que sejam levadas para o mesmo período?

COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (CRInt)

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – Prédio Central
Cidade Universitária. 05508-020. São Paulo/SP. Brasil
www.eca.usp.br/crint | crint-eca@usp.br | incoming.eca@usp.br
Fone: +55 11 3091-4478



E preciso levar em conta o frio e a chuva, o inverno é muito mais rigoroso e a umidade será bem presente no dia a dia. Assim, acho que minhas maiores recomendações seriam de considerar roupas bem agasalhadas (inclusive, são indispensáveis esses “acessórios” que costumamos não ter que usar aqui no Brasil, cachecol, gorro e luvas) e outras peças de roupa que sejam resistentes à umidade, como botas, corta-ventos ou jaquetas impermeáveis. Quando começa a esquentar por lá, já se adequam as roupas que já estamos habituados a usar em São Paulo – mas vale lembrar que a primavera deles tem mais a cara de nosso outono.

Não vale a pena levar roupas em grande quantidade, muito menos as de verão.

Parte VI – Seguro-Saúde

1) Você já possuía seguro de saúde de cobertura internacional ou precisou comprar para a viagem?

Eu possuía um seguro saúde que tinha cobertura internacional, porém válida somente por um período de seis meses. Sendo assim, saí com um seguro e, estando lá, tive que comprar outro que durasse até o fim da minha estadia (coordenei com meus pais de comprar do Brasil).

2) Você precisou usar o seguro saúde durante o período de intercâmbio? Teve problemas de atendimento?

Felizmente, não tive que usar o seguro durante o período de intercâmbio.

Parte VII – Custos

1) Você recebeu algum tipo de Bolsa de Estudos para realizar seu intercâmbio? (x)Sim () Não

Se sim, qual?

Bolsa da AUCANI

Transporte para o país (passagens aéreas ida e volta) R\$	Moradia (média de gastos por mês) R\$	Transporte na cidade (média de gastos por mês) R\$	Alimentação (média de gastos por mês) R\$	Taxas escolares/ Outras taxas	Seguro-Saúde R\$	Total de gastos aproximado para o período R\$
4.800	1.350	90	720	-	576 *	18.336

Média de cotação da moeda à época do intercâmbio: 1 euro = 4,5 reais

* esse valor refere-se unicamente ao seguro de saúde contratado para o último mês e meio.

Parte VIII – CRInt ECA/AUCANI

1) Qual a sua avaliação em relação ao trabalho desenvolvido pela CRInt ECA/AUCANI (ex-VRERI) em relação a: divulgação dos programas, processo seletivo, atendimento pessoal, assistência prestada antes e durante o intercâmbio, etc.?

A CRInt faz um excelente trabalho. Sempre me senti muito bem informada, auxiliada e acolhida pela Comissão. É evidente que há uma preocupação com os estudantes e um projeto empenhado para fomentar os programas e experiências internacionais.



2) Que sugestões você faria para que os serviços prestados pela CRInt ECA/AUCANI (ex-VRERI) fossem aperfeiçoados?

A única maneira de melhorar os serviços prestados pela CRInt seria ampliá-los e incentivá-los ainda mais, seja em pessoal, investimento ou em projetos – por exemplo, mais pessoas para trabalhar, evitando sobrecargas; maiores redes de articulação com os departamentos, entre docentes e discentes; e, claro, a sempre bem-vinda expansão de convênios e programas internacionais.

Conclusão

1) Qual a avaliação que você faz do Intercâmbio e da experiência que você teve para sua vida pessoal, acadêmica e profissional?

O intercâmbio foi uma experiência única e profundamente transformadora – inclusive, muito mais do que poderia ter imaginado antes de partir. Dei-me diante do desconhecido. Por mais que eu tivesse feito projeções, tudo aquilo que vivi revelou-se impossível de ter sido previsto; tudo chacoalha e cambia de lugar uma vez que estamos lá. É uma mudança profunda, um convite a um deslocamento *radical* de perspectiva; justamente porque se alastra da raiz dos aspectos mais banais do cotidiano às reflexões sobre nosso lugar e escolhas no mundo – evidentemente, passa por nossa atividade acadêmica e profissional. Percebo que foi um período de enorme aprendizado, às vezes prazeroso, às vezes sofrido, mas sempre intenso e verdadeiro. Não à toa, sinto que ainda estou elaborando muitas das coisas que vivi...

2) Que conselhos e/ou dicas que você daria para os estudantes que pretendem ir para o mesmo lugar em que você esteve?

Talvez um primeiro conselho que eu dê seja o de pensar o intercâmbio como experiência completa, e não ir tanto pela aspiração acadêmica. A maior parte do que aprendi em Bordeaux talvez esteja fora dos muros da escola.

É muito importante aproveitar outras formas de conhecimento, entrar em contato com outras experiências. Cultive as potencialidades que a oportunidade do intercâmbio comporta: viaje, conheça, vá atrás de atividades culturais, visite os museus, o cinema, vá ao teatro, a debates, o que for. O intercâmbio nos permite entrar em contato com toda uma cultura e uma história que geralmente só conhecemos mediada, por meio dos livros e das reproduções. Ainda mais para quem estuda arte, essa é uma chance de ouro.

Também, penso que a vivência acadêmica na EBABX é mais proveitosa para pessoas que já estão um tanto adiantadas no curso de Artes Visuais, tendo uma maturidade de pesquisa e de trabalho, já conseguindo se organizar por conta própria para produzir e estudar. Caso contrário, uma das vantagens da École – que eu julgo que deve ser muito aproveitada –, a de possibilitar tempo e espaço para o trabalho/pesquisa individual, pode se tornar uma adversidade.

3) Se achar necessário, utilize o espaço abaixo para mais informações/comentários.
